

(1937) *Constructions In Analysis*, v. 23.

(1938) *The Splitting of the Ego in the Process of Defence*, v. 23.

HOUAISS, A. & VILAR, M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEHL, M. R. O sexo, a morte, a mãe e o mal. In: NESTROVSKI, A. & SELIGMANN-SILVA. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. (2015) *Corpo, tortura e psicanálise* (café pocket). <https://vimeo.com/149146738>

LEVI, P. *If this is a man - The truce*. Londres: Penguin Books, 2011.

OCARIZ M. C. et al.. As conversas públicas como dispositivo terapêutico. A importância do testemunho In: _____. (Org.) *Violência de Estado na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985): Efeitos psíquicos e testemunhos clínicos*. São Paulo: Escuta, 2015.

PAULO & WALAN (2014) As vítimas da ditadura - Depoimentos. https://www.youtube.com/watch?v=L-u7-mq_U48

PAZ, C. E. *Viagem à luta armada: Memórias romanceadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

PERDOMO, C., CERRUTI, M. (Orgs.) *Trauma, memória e transmissão: A incidência da política na clínica psicanalítica*. São Paulo: Primavera Editorial, 2011.

SELIGMANN-SILVA. A história como trauma In: NESTROVSKI, A. & SELIGMANN-SILVA. *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA. *Clínicas do testemunho: Reparação psíquica e constituição de memórias*. Porto Alegre: Criação Humana, 2014.

ZIZEK, S. *How to read Lacan*. Nova York: W.W. Norton & Co., 2007

Vera Luiza Horta Warchavchik

Rua Ferreira de Araújo 221, conj. 96 - Pinheiros

E-mail: verawar@gmail.com

Mística e psicanálise: Um caso de estigmatização somática

ARIO BORGES NUNES JUNIOR

RESUMO: O estudo tem por objetivo estabelecer uma articulação entre mística, corpo e psicanálise, a partir do caso da estigmatizada Gemma Galgani (1878-1903). Destacaram-se alguns elementos dos seus relatos autobiográficos que foram confrontados com a teoria psicanalítica, segundo a lógica das identificações, e com alguns aspectos clínicos da melancolia. Constatou-se que a imagem de Cristo crucificado foi utilizada como suporte para estruturação de uma identidade que a inseriu, por meio do brasão inscrito no corpo (estigmas), em uma nova linhagem de ascendência privilegiada. O apelo à consistência imaginária, oferecida pelo mito religioso, foi utilizado como suplência à impossibilidade dos recursos simbólicos em integrarem os eventos traumáticos na construção de uma imagem minimamente reconhecível de si mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Mística; Psicanálise; Estigmas; Gemma Galgani

INTRODUÇÃO

Santa Gemma Galgani (1878-1903) nasceu e viveu em Lucca, cidade do vulto santo, alcunha que faz referência a uma imagem de Cristo crucificado lá venerada desde o século 18. Na época da santa, havia duas grandes festas anuais relacionadas ao culto do vulto santo, que mobilizavam toda a cidade, em 3 de maio e 14 de setembro, sustentando uma atmosfera orientada, pela *theologia crucis*, ao culto da paixão de

Psicanalista, doutorado em Psicologia Social (USP) e pós-doutorado em Ciência da Religião (PUC). Livros publicados: *Êxtase e clausura: sujeito místico, psicanálise e estética* (Annablume, 2005), *Fenômeno místico: caracterização e estudos de casos* (Ecclesiae, 2015).

Cristo (ZOFFOLI, 1957; DELLO SPIRITO SANTO, 1932).

Na vida da santa associou-se à pregnância de um contexto religioso intenso, uma história pessoal marcada por perdas e dores: as mortes daqueles que lhe eram mais caros; as frequentes enfermidades; a falência econômica da família; os olhares descrentes sobre ela; a rejeição de alguns conventos, que se negaram a acolhê-la como, ardentemente, desejava; o temor de ficar só.

O imaginário religioso funcionou como um suporte para o confronto com a dura realidade que caracterizou a sua vida. Mesmo para a consecução das atividades corriqueiras, contava com o auxílio direto dos personagens celestes. O ponto alto de sua experiência mística foi a estigmatização, ocorrida pela primeira vez em 8 de junho de 1899. Um imaginário assim tão vivo instiga e favorece a reflexão sobre as dinâmicas inconscientes em ação na sua inquieta realidade interna.

Um dos diretores espirituais da Galgani, o padre Germano Ruoppolo, teve papel fundamental na organização objetiva do caso. Orientava o pensamento da santa, perplexa frente às irrupções do além. Depois de sua morte, foi o referido padre que escreveu a primeira biografia. Um dos aspectos mais importantes no manejo que o padre Germano deu ao caso foi a discricção, preservando-o do fanatismo e das formas primitivas de piedade, ainda que a santa não tenha ficado isenta do confronto com o debate sobre a histeria, fervescente na virada dos séculos 19 e 20.

FATOS BIOGRÁFICOS E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

No decorrer dos séculos, desde São Francisco de Assis (1182-1226), alguns elementos sempre estiveram presentes no campo hagiográfico relativo ao tema da estigmatização. De acordo com a biografia da santa, escrita pelo padre Germano e publicada pela primeira vez nos primeiros anos do século 20, os estigmas irrompiam na noite das quintas-feiras e desapareciam às 15 horas das sextas, imediatamente, seguintes. O fenômeno repetiu-se durante alguns meses, interrompendo-se posteriormente.

Daquele dia em diante, continuou a repetir-se periodicamente no mesmo dia e hora de cada semana, isto é, na noite de quinta-feira pelas 20 horas – e durava até às 15 horas da sexta-feira. Nenhuma preparação o precedia; nenhuma dor ou impressão nas mãos, pés e lado, anunciava que estivesse iminente; o único

sinal era o recolhimento anunciador do êxtase. E quando este ia começar, de repente, via-se-lhe aparecer nas costas de ambas as mãos e no meio das palmas uma mancha vermelha sob a epiderme (que é aquela membrana sutil e transparente que cobre externamente a pele), em seguida, abria-se na carne, no derma, ab longo nas costas das mãos e, irregularmente redondo, nas palmas. Pouco depois rasgava-se a própria membrana e, sobre aquelas inocentes mãos, a ferida se manifestava com todas as características de uma chaga viva, do diâmetro de um centímetro nas palmas e da largura de dois milímetros nas costas, com o comprimento nestas, de uns vinte milímetros. Às vezes o rasgão aparecia muito superficial; outras quase imperceptível à vista. Mas ordinariamente era muito profundo e parecia que atravessava toda a grossura da mão, unindo-se a ferida de um lado com a parte oposta. E digo parecia porque nelas regurgitava o sangue, às vezes fluente, ou outras vezes coagulado. Tão logo cessava o fenômeno, fechavam-se as feridas, assim que não era fácil explorá-las senão com o auxílio de um estilete. (RUOPPOLO, 2014, p. 71-72)

A formação dos estigmas, ainda que se confrontem radicalmente com a lógica usual do pensamento, são tratados pelo biógrafo de maneira natural e, ao mesmo tempo, cruenta.

Já disse que os rasgões se formavam pouco a pouco, isto é, em cinco ou seis minutos, começando internamente na pele sob a epiderme, e terminando com a laceração desta. Às vezes, porém, não era assim; o golpe que a produzia era instantâneo e partia do exterior como violenta ferida, e então era doloroso ver a querida mártir, tomada de improviso, agitar-se, tremer com todos os músculos dos braços, das pernas e todo o corpo. (RUOPPOLO, 1927/2014, p. 72)

Os escritos produzidos pela protagonista dividem-se em quatro grupos: a *Autobiografia*, escrita por mandato do próprio padre Germano; o *Diário espiritual*, que abrange o período de 16 de março a 3 de setembro de 1900; as *Cartas*, dirigidas aos diretores espirituais e a pessoas diversas; e os *Êxtases*, que contém os diálogos transcritos durante os estados alterados de consciência experimentados pela santa.

Nos registros autobiográficos, o mundo extraordinário é abordado por ela

quase em oposição ao caráter cruento do estilo do padre Germano. A santa descreve a impressão dos estigmas com um tom ingênuo, quase pueril.

Nesse instante apareceu Jesus, com todas as chagas abertas; mas das chagas já não saía sangue, saíam chamas de fogo que em um instante penetraram nas minhas mãos, no pés e no lado. Parecia que iria morrer, e teria caído, se a Mamãe celestial não me tivesse sustentado, tendo-me sempre coberta pelo seu manto. Por várias horas tive que me manter nessa posição. Depois minha Mamãe me beijou na fronte, desapareceu tudo e me encontrei de joelhos no chão, mas sentia uma dor forte nas mãos, nos pés e no lado. (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 262)

De acordo com o padre Germano, desde a infância, a Galgani demonstrava sinais da eleição divina e destacava-se pela piedade e pela virtude.

Acontecia também, às vezes, que o extremoso pai, tomando-a no colo, a quisesse acariciar e beijar, mas jamais o conseguiu. Aquele anjo em carne pensava desde tão tenra idade, que em relação à modéstia não se devia fazer exceção para ninguém, e assim, desprendendo-se dos braços paternos com quanta força tinha, dizia chorando: “Papai não me toque!” – “Mas eu sou seu pai”, replicava. “Sim, papai, mas eu não quero que ninguém me toque”. (RUOPPOLO, 1927/2014, p. 20)

Ou ainda: “Das próprias imagens do Senhor tomava para sua devoção apenas as que O representavam crucificado: ‘Oh Mamãe’, ouvimo-la dizer ainda pequenina à sua boa mãe, ‘fale-me da Paixão de Jesus!’” (RUOPPOLO, 1927/2014, p. 67)

A protagonista foi a quinta dos oito filhos do casal Enrico e Aurelia Landi. O nome Gemma foi sugerido pelo tio materno e, inicialmente, não agradou à mãe, pois não era do seu conhecimento nenhuma santa com esse nome. O mal estar foi superado pela intervenção de D. Olivo Dinelli, pároco de Gragnano, que contemporizou: “As gemas estão no paraíso; esperamos que também essa menina seja uma Gemma do paraíso.” (ZOFFOLI, 1957, p. 4) Logo após o seu nascimento, a família transferiu-se para Lucca, a fim de que os filhos tivessem um mais fácil

acesso à educação formal.

Na *Autobiografia*, destacam-se os relatos sobre os diálogos mantidos com a mãe consumida pela doença, durante a primeira infância da santa.

A minha primeira recordação é que minha mamãe, quando eu era pequenina (menos de sete anos) costumava me abraçar, com muita frequência, e chorando me repetia: “Pedi muito para que Jesus me desse uma filha; consolou-me, é verdade, mas muito tarde. Estou enferma - repetia - logo morrerei e terei que lhe deixar; se eu pudesse levar-lhe comigo, viria?” (...) “E, aonde iríamos?” eu lhe perguntava. “Ao paraíso, com Jesus e com os Anjos”. (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 222-223)

A primeira manifestação mística vivenciada pela santa ocorreu no dia de seu crisma, em 1885, quando na igreja, após a função, ouviu no coração uma voz que lhe disse: “ ‘quer me dar a mamãe?’ ‘Sim’ - respondi -, ‘mas se me levar, também’. ‘Não’ - me repetiu a costumeira voz -, ‘dá-me de bom grado a sua mamãe. Você, por ora, deve ficar com o papai. Eu a levarei ao céu, sabe?’ ”. (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 224)

Pouco tempo depois, a menina é separada da mãe, devido ao temor do contágio, passando a viver na casa de tios. Como era previsto, a mãe morreu transcorrido um curto espaço de tempo e a menina voltou a viver com o pai e os irmãos, depois de alguns meses. Frequentou a escola, um instituto religioso, onde se destacou pela piedade e pelo interesse aos temas relacionados à paixão de Cristo. Em 1894, morre o irmão que lhe era mais caro, Gino, aos 18 anos, enquanto se preparava para o sacerdócio. Segundo a santa, ela e esse irmão eram os filhos preferidos do pai, que chegava a declarar: “Tenho só dois filhos, Gino e Gemma”. Assim, mais um vazão instala-se no coração da *povera Gemma* (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 234).

Torna-se, então, vulnerável a uma grave enfermidade, da qual se cura passados três meses. Aos 18 anos faz promessa de guardar a castidade, o que segundo ela, agradou tanto a Jesus que lhe pediu “que a esse voto acrescentasse a oferta de si mesma” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 239). Poucos anos depois, perde o pai. No entanto, a santa declara que “ficava indiferente a tantas desgraças” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 239).

Com a morte do pai inicia-se a derrocada financeira da família e ela é levada para viver com uma tia que se condói da situação dos órfãos. Logo depois, ela adoece novamente. A voz do anjo a consola da desolação frente à doença. “Se Jesus lhe aflige no corpo, o faz para purificá-la cada vez mais no espírito: Procura ser boa’. Quantas vezes durante minha enfermidade me fazia sentir ao coração palavras de consolo! Mas eu nunca fazia caso.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 243)

A enfermidade não dá sinais de retrocesso. Quando as esperanças humanas já haviam caído por terra, a santa é milagrosamente curada durante uma novena. Nessa ocasião,

sentindo-me abandonada pela ausência dos pais, queixei-me com Jesus, e Jesus, sempre bom, cada vez mais afetuoso, me repetia: “Eu estarei, filha, sempre com você. Eu sou seu pai e sua mãe será aquela... - e me mostrou a Virgem Dolorosa - . Jamais faltará a assistência paternal a quem se põe em minhas mãos: nada, pois, lhe faltará mesmo quando se sinta privada de todo consolo e apoio sobre a terra. Vem, aproxime-se: você é minha filha... Não é feliz sendo filha de Jesus e de Maria?”. Os muitos sentimentos que Jesus havia despertado em meu coração impediram-me de responder. (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 249)

A presença de outros personagens celestes entretém o sono e a vigília da jovem. O coirmão Gabriel, o anjo da guarda, que com as suas orientações a ajudava a enfrentar os desafios cotidianos. Em certa ocasião, o anjo, visando ao seu progresso espiritual, foi taxativo, como ela mesma relata.

De tudo isso, devia dar conta ao Confessor; fui me confessar, mas não me atrevi, saí sem dizer-lhe nada. Voltei para a casa e ao entrar em meu quarto vi que meu Anjo chorava; não me atrevi a lhe perguntar nada, mas ele espontaneamente me disse: “Então, você não quer me ver? É má: silencia as coisas ao Confessor. Lembra bem do que lhe digo, repito pela última vez: se voltar a falar o mínimo ao Confessor, eu não permitirei que você me veja mais. Nunca, nunca.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 254)

A problemática interior apresentada pela santa decorre dos conflitos entre os seus pensamentos e atos e a incidência da demanda divina sobre ela. A conclusão é sempre a mesma: está aquém das expectativas celestes. Em um rapto de espírito, a santa encontra-se diante de Jesus crucificado, do qual vertia sangue de todo o corpo. Ao impacto da visão, escreve ela:

Continuava sentindo, ainda com maior força a dor de meus pecados, nenhuma vez levantei os olhos para olhar Jesus; não me atrevia; prostrei-me por terra, com a fronte ao solo, e fiquei assim por várias horas. “Filha - me disse -, vê: estas chagas foram abertas com os seus pecados, mas agora alegre-se, pois todas foram fechadas com a sua dor. Não me ofenda mais. Ama-me, como eu sempre te amei”, repetiu-me muitas vezes. (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 252-253)

Em 1899, pouco depois de ter recebido os estigmas, ela conhece o padre Germano. Houve, em Lucca, a pregação de missões populares pelos padres da congregação da paixão de Cristo, a mesma a qual pertencera o coirmão Gabriel, que se distinguem exteriormente pelo uso de um distintivo sobre a batina, em forma de coração, da cor negra, no qual está escrito JESU XPI PASSIO (Paixão de Jesus Cristo). No último dia das missões, Jesus lhe perguntou:

“Gemma lhe agrada o hábito com o qual está revestido esse sacerdote?” (mostrou-me um missionista que não estava distante de mim). Não foi necessário responder a Jesus com palavras: o coração melhor que nada falava com suas pulsações. “Gostaria - acrescentou Jesus - ver-se revestida do mesmo hábito, também você?”. “Deus meu!” - Exclamei -. “Sim - continuou dizendo Jesus -, você será uma filha da minha Paixão, e uma filha predileta. Um desses filhos será seu Padre.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 265)

Concomitantemente a tudo isso, ela foi submetida ao exame do Dr. Pfanner, um especialista em histeria, para que ele desse o seu parecer sobre os êxtases e os estigmas. O diagnóstico do médico foi de histeria, pois, durante o exame do médico, após a limpeza do sangue com um algodão umedecido, a superfície da mão apresentou-se sem ferida alguma. Frente a essa situação de descrédito, ao invocar

a ajuda celeste, teve a seguinte visão:

Encontrei-me diante de Jesus, mas ele não estava só: tinha junto a si um homem de cabelos brancos; pelo hábito, soube que se tratava de um sacerdote passionista; tinha as mãos juntas e rezava, rezava fervorosamente. Olhei-o, e Jesus pronunciou essas palavras: “Filha, você o conhece?”. Respondi que não, como era de fato. “Vê - acrescentou -, esse sacerdote será seu diretor e será quem reconhecerá em você, pobre criatura, a obra infinita da minha misericórdia.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 268)

Nesse ponto interrompem-se os relatos autobiográficos. A santa, por vontade própria, passa a viver na casa de uma tradicional família de Lucca, também, hospedeira dos padres passionistas de passagem pela cidade, a convite da irmã do dono da casa, Cecília Giannini, que se torna como uma segunda mãe para ela, a qual foi uma das principais testemunhas *de visu* dos enigmáticos fatos dos quais a santa foi protagonista. Anos depois, no processo de canonização, depõe a senhora Cecília: “que houve dons sobrenaturais, de modo algum, eu posso duvidar, porque eu fui testemunha deles todos os dias e, se posso dizer, em todos os momentos...” (SACRA CONGREGATIO RITUUM, 1928, p. 3).

Um dia vê um retrato e nele identifica o padre apresentado na visão (ZOFFOLI, 1957). Decide, então, lhe escrever. O primeiro encontro entre ambos tem lugar em setembro de 1900. Dispõe-se de, aproximadamente, cento e quarenta cartas dela endereçadas a ele, no intervalo de tempo entre janeiro de 1900 e março de 1903.

O estilo da escrita ao diretor é simples, ingênuo e mesmo pueril. Refere-se a ele sempre como *babbo* (pai) e a ele expressa seus anseios e seus temores, com fluidez, vivacidade e intimidade reverencial.

Meu pai. Não é tanto o peso da cruz quanto o de meus pecados o que faz Jesus padecer tanto. Oh, meu pai! Se já não estou no inferno é por uma grande misericórdia. Ah, se voltassem os anos da minha vida passada! Queria... Mas não voltarão. Mas se ainda me resta um pouco de tempo, o que fazer? (SANTA GEMMA GALGANI, 1941, p. 89)

Transcorre os seus dias na casa da família que a acolheu: o auxílio em alguns afazeres na casa, a ida cotidiana à igreja para a participação nas funções

religiosas, os êxtases das quinta-feiras. A senhora Cecília era orientada pelo padre Germano de como tratar a Galgani, relativamente aos seus misteriosos comportamentos. Viveu na casa até pouco antes de sua morte.

Em 1902, adoeceu gravemente e foi transferida para uma habitação externa alugada, devido ao risco de contágio ao qual as crianças da família poderiam estar expostas. A mudança foi dura para Gemma, que, em relação à separação de Cecília Giannini, escreveu ao padre Germano: “duas vezes órfã sobre a terra.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1941, p. 303)

Ao lado da doença, que a consumiu em alguns meses, houve, ainda no mesmo ano, as perdas dos irmãos Giulia e Tonino. Ela foi vítima também de intensos assaltos de angústia, interpretados como sendo de origem demoníaca, especialmente, na última enfermidade. Expirou em 11 de abril de 1903, sábado santo, na mesma cidade de Lucca, onde transcorrerá toda a sua vida.

ÊXTASES MELANCÓLICOS

O que se destaca nos escritos da Galgani é a marca do sofrimento e da perda e a releitura desses fatos dolorosos segundo a perspectiva religiosa, especificamente aquela concernente à paixão de Cristo, muito difundida entre os fiéis ao final do século 19. A identificação com o divino sofrimento foi o aspecto mais marcante de sua curta existência.

A mística da Galgani é experimental. Não consta que ela tenha bebido das fontes tradicionais da mística cristã, como os escritos de São João da Cruz ou os de Santa Teresa de Ávila (FABRO, 1987). À impossibilidade de compreender tudo o que se passa com ela, entrega-se ao que lhe é possível sentir. Assim, a construção de sentido dá-se a partir de uma experiência sensível nas mãos, nos pés, aos olhos, aos ouvidos.

A intimidade com a qual a Galgani se expressa, na relação com o divino, tem características de uma aproximação filial. Cristo, ao dirigir-se a ela, durante os êxtases, muitas vezes a chama de “filha”, o que, de alguma forma, pode retratar o estado vulnerável que caracterizava a experiência da percepção de si mesma, como órfã em um mundo que lhe impunha medo. Do mesmo modo, o tom das relações estabelecidas pela santa com pessoas de carne e osso variava segundo as categorias materna e paterna (a senhora Cecília, a tia Justina, no primeiro caso, e do padre

Germano, no segundo). O intenso desejo de expiação associa-se, também, à mística sponsal: ela “se ofereceu como vítima, e viveu como vítima de expiação pelos pecados, mas vítima de amor e por amor, vítima do divino Amor: em total união sponsal com o seu amor, antes com o seu divino Amante”. (BIOCCHI, 2005, p. 277)

Sua relação com o sobrenatural dá vida concreta, ainda, a uma legião de personagens como anjos, santos, a *Madonna*, que intervêm na rotina diária, de forma íntima, coloquial. “Sabe o que fazemos quando vem o anjo? Adoramos juntos a infinita Majestade de Deus; e andamos à porfia para ver quem repete mais forte: Viva Jesus!” (SANTA GEMMA GALGANI, 2002, p.147) Assim, “para ela tudo é real, todo o transcendente assume o aspecto da concretude; aquilo que os cristãos comuns aceitam por fé, ela experimenta com a percepção da certeza moral” (ZOVATTO, 2005, p. 120).

Para a Galgani, o impacto das vozes celestiais é tão intenso que a fere como os golpes profundos de uma espada afiada; é “uma voz que ninguém pode ouvi-la: não é voz articulada, mas é mais forte e se faz mais perceber ao meu espírito do que se escutasse palavras” (FABRO, 1989, p. 236). Do mesmo modo, quando ela vê Jesus, vê “uma luz, um bem imenso, uma luz, que não pode ser vista por olhos mortais” (FABRO, 1989, p. 236). As suas respostas às comunicações celestes também não se enunciam de forma natural, não é necessário responder com palavras, só pelas pulsações do coração se faz entender.

O sofrimento, tema constante nos seus escritos, diz respeito a três vertentes: a falta de compreensão sobre o que se passava com ela, especialmente, as dúvidas acerca da origem das suas experiências místicas; as reações das pessoas à sua volta, em relação a essas experiências; e, sobretudo, os conflitos auto reprovatórios, fruto da consciência de sua condição indigna de pecadora. Tudo isso a fazia chorar. As lágrimas expressavam, assim, várias angústias experimentadas pela santa e manifestavam o drama que se passava no seu interior.

A referência ao choro, associado a um não saber, se expressa desde a primeira infância. Frente à doença da mãe, ela declara: “Eu não compreendia quase nada, e chorava, porque via a mamãe chorar.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 223) “Os assaltos e as falas dos personagens celestes deixavam a jovem perplexa, e frente a não compreensão do sentido dessas mensagens, chorava” (FABRO, 1989): “Eu me ponho a chorar em pensar em todas estas coisas, das quais não compreendo

nada.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1975, p. 285)

O diagnóstico de histeria dado pelo Dr. Pfaner, os olhares indiscretos dos cidadãos luccanos sobre ela e a recusa dos conventos em aceitá-la entre seus membros por conta de seus feitos místicos confrontaram-na de forma direta com a solidão. Em relação a esse último aspecto, ressentiu-se de maneira ainda mais intensa, pois acreditava que o seu ingresso em um convento agradaria Jesus e, então, derrama lágrimas, também, por não conseguir realizar esse seu intento: “As minhas colegas que como eu tinham vocação de serem religiosas, já receberam o hábito, quase todas têm a minha idade; e eu estou só, só.” (SANTA GEMMA GALGANI, 1941, p. 28) Ao sentir-se só, chora, como ela, mais uma vez, desabafa ao seu diretor espiritual extraordinário.

Gostaria que aquela mamãe bendita (a senhora Cecília) estivesse sempre comigo (...); só não quererei estar; não, só não... Vê: quando estou só, sofro chorando, mas sempre agradecendo e bendizendo Jesus; mas só de saber que a tia está perto, sofro em paz agradecendo a Jesus esse duplo favor. (SANTA GEMMA GALGANI, 1941, p. 134)

Um sentimento de indignidade e um estado de apatia, resultante de uma consciência exagerada das próprias culpas e pecados, são temas marcantes nos seus escritos e, ainda, fonte de muitas lágrimas. Em 16 de agosto de 1900, ela escreveu no *Diário*: “Chegou a quinta-feira; a comum repugnância me atinge; vem-me o temor de perder a alma; o número dos pecados e a enormidade destes, tudo se abre a minha frente; que agitação.” (SANTA GEMMA GALGANI, 2017, p. 153) Poucos dias depois, em 20 de agosto, ela se refere novamente ao estado de sofrimento ao qual a contabilidade de seus erros a remetem:

Esta tarde, como é costume me acontecer muitas vezes, vieram-me à mente todos os meus pecados em sua enormidade, e tive que reagir forte para não chorar muito: sentia uma dor tão viva que jamais havia experimentado. O número deles ultrapassa mil vezes a minha idade e a minha capacidade: porém o que me consola é que sinto grandíssima dor, e desejaria que jamais ela se apagasse da minha mente. Deus meu! Até onde chegou a minha malícia.

(SANTA GEMMA GALGANI, 2017, p. 168)

As acusações e reprovações provêm, também, dos personagens da corte celeste, o que provoca nela um estado de constante lamento. Ainda, em agosto do mesmo ano, no dia 26, a Galgani desabafa:

Ontem, enquanto comia, levantei os olhos e vi o anjo da guarda, que me olhou com ar tão severo, amedrontador; não falou nada. Mais tarde, quando fui um momento ao leito, meu Deus! Mandou-me olhá-lo no rosto; olhei-o, abaixei logo o olhar, mas ele insistiu e disse: “Não tem vergonha de cometer faltas na minha presença; depois de cometer, pois, sinta vergonha” (...). Nada fiz senão chorar (...). De quando em quando me repetia: “Envergonho-me de você”. Sofri um dia inteiro, sempre quando levantava os olhos, olhava-me sempre severo; não pude recolher-me um minuto. (SANTA GEMMA GALGANI, 2017, p. 199-200)

A santa, também, vê o próprio Jesus chorar e atribui tal fato aos seus pecados.

Pobre Jesus! Como faz para suportar e sofrer tanta ignorância e tanta ingrati-
dão da minha parte? Jesus, Jesus que não pode sofrer a menor culpa das suas
almas, como faz para me suportar se o afronto a toda hora, a todo momento?
E, frequentemente, percebo-o chorando, sinto-o aflito, e ele me diz que isso é
por causa dos pecadores. Mas, meu Deus, não chore pelos pecadores, chora,
chora por mim... (SANTA GEMMA GALGANI, 1941, 431)

É interessante observar que, no relato autobiográfico da santa, a descrição da impressão dos estigmas, no dia 8 de junho de 1899, é precedida por um sofrimento em relação aos próprios pecados mais intenso do que nunca.

De repente, mais depressa do que de costume, senti-me tomada por uma dor interna muito forte de meus pecados, tão forte como jamais havia sentido; uma dor que me pareceu morrer ali mesmo. Depois disso, senti-me recolhida nas potências da minha alma: o entendimento só conhecia os meus pecados

e a ofensa feita a Deus; a memória trazia-os todos à vista, representando-me, ao mesmo tempo, todos os sofrimentos que Jesus havia sofrido para salvar-me; a vontade fazia-me detestá-los todos e prometer desejar sofrer o que fosse a fim de expiá-los. (SANTA GEMMA GALGANI, 2002-A, p. 33)

A problemática interior apresentada pela santa decorria dos conflitos entre os seus pensamentos e atos e a interpretação da demanda divina sobre ela, potencializados na mesma proporção da concretude do mundo sobrenatural com o qual ela se relacionava diretamente. A conclusão é, então, imediata: vê-se sempre muito aquém das expectativas celestes, o que confere ao tom dos seus relatos um estilo fortemente melancólico.

A consistência imaginária da esfera celeste é uma chave para a compreensão da dinâmica interna da santa. O sentimento de menos valia experimentado pela Galgani, expressão de um vazio existencial inominável tornou-se, de alguma forma, elaborável pela utilização dos recursos oferecidos pelo imaginário religioso. Esses foram empregados na função de suplentes ao vazio que nenhuma palavra seria suficiente para nomear. O conceito de humildade, por exemplo, enquanto virtude religiosa, pôde funcionar como suporte para justificar os estados de desolação que o afeto de menos valia provocava nela: o descompasso entre a plenitude divina e o nada da criatura fornece o fundamento doutrinário para a aceitação de uma condição vivenciada como desprovida de tudo.

No entanto, o recurso à consistência do imaginário religioso, quando a elaboração simbólica vacila, provoca, também, o efeito oposto. A proximidade cotidiana dos personagens celestes provavelmente intensificava o sentimento de menos valia pelo confronto imediato com a cena divina. Desse modo, deve existir um ponto ideal, em uma economia psíquica assim estabelecida, em relação ao qual tangenciam a minimização desse efeito e a maximização do grau de estabilização imaginária que a certeza do convívio com os eleitos proporciona. Em vários momentos dos seus relatos, a santa refere-se à consolação que experimentava com a presença de Jesus.

OLHAR PSICANALÍTICO

Freud (1917/1974, p. 276), em Luto e Melancolia, apresentou como traço mental

distintivo desta última “uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecriação e autoenvilecimento, culminando em uma expectativa delirante de punição”. Mais adiante, no mesmo texto, ele precisou: “No quadro clínico da melancolia, a insatisfação com o ego constitui, por motivos de ordem moral, a característica mais marcante” (p. 280).

Em termos da dinâmica psicológica, o autor interpreta o quadro clínico como a reação a uma perda objetual retirada da consciência, reação essa decorrente do retorno da catexia objetual ao eu, ou seja, “uma catexia de objeto foi substituída por uma identificação” (FREUD, 1923/1976, p. 47). Em 1915, no texto *As neuroses de transferência*, Freud observou que o sujeito melancólico identifica-se com o pai morto. O desenvolvimento posterior do pensamento psicanalítico permitiu formular a questão nos seguintes termos: na melancolia, “ocorre a identificação com o lugar vazio deixado pelo pai” (QUINET, 1997, p. 125).

Não se trata da identificação com o pai simbólico, ou seja, com o totem que substitui o pai morto postulado em *Totem e tabu* e que insere o sujeito na linha de filiação, nem tão pouco daquela na qual o sujeito incorpora o pai simbólico, mencionada por Freud em *Psicologia das massas e análise do ego*. A identificação com o vazio deixado pelo pai vem como consequência da impossibilidade de incorporação do pai simbólico (QUINET, 1997).

Pode-se constatar a presença de um tom melancólico nos escritos da Galgani, a partir das citações apresentadas acima, extraídas de seu *Diário*. As construções de pensamento da santa giram em torno da ênfase a uma condição pessoal indigna frente à plenitude divina. O sentimento de menos valia, daí decorrente, desdobra-se em estados de ânimo forjados pela autoacusação, pela culpa, pelo desejo de expiação dos pecados, pelo temor da condenação eterna, caracterizando uma realidade psíquica de verdadeiro “masoquismo moral” (QUINET, 1997, p. 149).

Dos precoces diálogos da protagonista, ainda criança, com a mãe moribunda, pode-se extrair elementos para a reflexão sobre o confronto entre o estilo da protagonista e alguns elementos presentes na melancolia. Onde a mãe estará, no paraíso, com Jesus, ela não poderá estar; e, de onde a mãe está, terá que, em breve, partir e deixá-la. Eis aqui o enunciado do enigma frente ao gozo materno que ela se empenhou em desvendar, ao longo de sua curta e intensa existência.

A plenitude da relação entre a mãe e Cristo, da qual a filha não poderia

participar, remeteu a Galgani a um estado de menos valia frente ao desejo materno e povoou-a de afetos ambivalentes em relação à “escolha” gozosa da mãe pelo paraíso. O desejo da mãe só se aplaca no confronto com o personagem divino, assim, a função do pai não é suficiente para deter o estado de gozo que se insinuava a partir do discurso materno.

A insuficiência de um significante para nomear a falta no Outro materno lançou-a em um vazio quase absoluto e ela se viu confrontada imediatamente com a inconsistência desse Outro. Não se apresentou uma referência simbólica eficaz para sustentar uma imagem reconhecível de si mesma, uma vez que não se constituiu um Outro que pudesse legitimar tal reconhecimento.

A identificação operou-se, então, com o vazio, com o não ser, com a pura ausência, com o gozo absoluto. Para que ela não sucumbisse inteiramente a esse nada, fez-se, então, necessário o recurso a uma estratégia imaginária que se dinamizou em torno da consistência corporal, ou seja, encarnou o Outro em seu próprio corpo.

O vazio decorrente da ineficácia da função simbólica do pai provoca um transbordamento de gozo, uma hemorragia de libido, que invade o aparelho psíquico (QUINET, 1997). Uma vez que não se constituíram insígnias simbólicas suficientes para fixar o gozo, tornou-se necessário uma reordenação imaginária. Do discurso da mãe, ela tomou como referência a imagem de Cristo e, assim, os seus atributos constituíram pólos de identificação.

A inscrição dos estigmas no corpo funcionou, então, como suplência imaginária para drenar o excesso de gozo e, ao mesmo tempo, fundamentou uma imagem reconhecível de si mesma. Só a consistência corporal poderia vedar o vazio deixado pela insuficiência simbólica do pai e, de alguma forma, regular o estado de gozo a um nível minimamente suportável.

A fixação a um atributo imaginário do gozo materno, no caso, a figura de Cristo, enraíza-se no registro corporal e serve como brasão identificatório que, se, por um lado, presentifica o gozo do Outro, por outro, faz suplência à função simbólica do pai. Assim, o que aparece no corpo são resquícios de um pai, petrificado na contemplação da imagem de Cristo sofredor, que funcionam como marcas concretas para organizar um corpo irrepresentável e transbordante de gozo.

A dinâmica identificatória norteadas por esses elementos produziu a inscrição em uma nova linhagem, cujo *caput* não é o nome-do-pai, mas a imagem

de Cristo, o que conferiu consistência à identidade da Galgani, pela ostentação do rótulo carnal, a partir do qual ela pôde se reconhecer, ou seja, uma insígnia corporal testemunha da filiação a uma nova linhagem. O extravasamento de sangue, durante a estigmatização, passa a materializar a solução de compromisso visada por essa dinâmica.

A exteriorização de sangue é mais familiar às mulheres que se deparam com o fenômeno periodicamente. Há, ainda, uma conexão evidente entre esse fluido corporal e o sofrimento. As representações sobre a paixão de Cristo evocam de maneira exaustiva esse aspecto, evidenciando o simbolismo sagrado do sangue em associação à lógica do sacrifício e da expiação. A partir desses aspectos, no caso em questão, ele (o sangue) pôde se tornar um operador privilegiado na vinculação entre as marcas das primitivas relações objetais e o mito religioso, enclausurando a Galgani sob o véu do imaginário místico. No âmbito da fantasia, é como se ela estivesse estreitamente ligada ao corpo que lhe deu origem, compartilhando com ele o que lhe é mais próprio, ou seja, o sangue que, neste sentido, “constitui a prova da comunhão” (POMMIER, 1987, p. 67).

Para sustentar essa complexa lógica identificatória, entre a Galgani e a realidade objetiva interpôs-se um véu, tecido a partir daquilo que permaneceu irreduzível a qualquer significação a partir de sua entrada no mundo e que insinua a possibilidade de continuidade entre a realidade externa e a interna (LACAN, 2003). Em torno dessa aderência do natural no ser falante, delinea-se a obscura participação do corpo na experiência de si mesmo e sustenta-se a possibilidade imaginária de recuo a uma condição anterior à própria existência, ou, metaforicamente, de retorno ao corpo materno, quando há um confronto traumático (FREUD, 1918/1976). O véu, na condição de fenômeno elementar, atua como filtro para a interpretação do mundo e para a percepção de si mesmo (QUINET, 2006, p. 136), impondo certezas que repercutem até mesmo nas funções corporais.

A certeza acerca do sobrenatural tece o véu que enclausura a Galgani em uma lógica de sofrimento. É impossível não associar, de imediato, a vida mística da santa e os seus estigmas ao precoce e intenso confronto com a dor, especialmente ilustrado pelos diálogos dela com a mãe nos primeiros anos de vida.

O que fazer para tentar perfurar essa espécie de teia que a imobilizou em um simulacro terrífico? A estigmatização mística poderia ser pensada como o

momento de rompimento do véu, drenagem de gozo, que deixaria como consequência um período de bem-estar, como demonstrado por Freud (1918/1976), no relato do caso do homem dos lobos? De qualquer forma, há um elemento que vincula a fantasia do sujeito ao mito religioso, de modo que, aquela se torna encenável a partir de motivos, dele, emprestados. Daí, se pode extrair um elemento curativo imputável à convicção religiosa, com muitos efeitos colaterais, para o confronto com os elementos mais obscuros da fantasia?

A imagem de Cristo crucificado apresentou-se como pólo de organização dos caos interno instaurado a partir do confronto com os intensos sofrimentos impostos no decorrer da vida da Galgani. Deve-se levar em conta que, no campo religioso, a paixão de Cristo representa a expressão máxima da atribulação humana e, assim, conformar-se a tal modelo significaria ter subsídios para suportar qualquer sofrimento, por mais intenso que ele pudesse parecer (SPOTO, 2010). Nesse sentido, a dor de Cristo representaria a dor por todos os objetos perdidos e, como para a psicanálise, a identificação com o objeto perdido é um modo de mantê-lo vivo dentro si mesmo, a identificação com Cristo pode se constituir como suporte de superação não só em relação aos objetos efetivamente perdidos, mas a todos os objetos virtualmente perdíveis. Funciona, então, como uma solução universal, uma chave que desvenda todos os enigmas. Freud (1923/1976, p. 43) salientou que a identificação pode ser “a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estigmatização é um exemplo significativo dos desdobramentos que a incidência da palavra pode produzir na substância corporal. No fenômeno, a plasticidade do corpo atualiza-se dentro dos limites definidos pelo campo religioso, o que permite um relançamento à dimensão simbólica e uma consequente formação de laço social, assim, a petrificação no corpo de um semblante de nome-do-pai (LACAN, 1998) é reconhecida pela comunidade na qual o protagonista está inserido. A Galgani foi canonizada 37 anos depois da sua morte. Em outros casos que envolvem marcas corporais e produção de sangue, fora do contexto místico, as lesões adquirem o valor de hieróglifos e o sangue vertido apresenta-se como testemunha silenciosa de uma escrita ilegível (BIDAUD, 2013).

A Galgani inseriu-se-se no mito divino, pela identificação com Cristo

crucificado, na tentativa de construção de uma subjetividade minimamente sustentável. A inscrição das tragédias pessoais no imaginário religioso fixou um sentido para a difícil vida da santa. Ela encontrou, na identificação com o homem das dores, um sustentáculo para suas perdas e para o sofrimento delas decorrente.

O papel do corpo, na economia do gozo definida nesse tipo de processo identificatório, é o de preencher o vazio que os recursos simbólicos não foram capazes de nomear. A plasticidade do corpo entra como recurso no confronto com a impossibilidade de construção de um sentido para uma existência que se impõe pelo seu caráter eminentemente trágico.

No fenômeno, a produção de sangue tem alto valor na economia de gozo, uma vez que legitima a busca desgovernada de um reconhecimento de filiação, de um lugar na transmissão carnal. A inscrição dos estigmas de Cristo no próprio corpo implica em ostentar a insígnia de uma filiação de ascendência celeste, autenticada pelo sangue (GUIR, 1990).

A imagem de Cristo, a meio caminho entre a mãe e o pai, emblematiza a possibilidade de participação no gozo da mãe e, portanto, paralisa o movimento que poderia conduzir ao confronto com o pai, em sua função simbólica, fixando o sujeito na contemplação imaginária do vulto ensanguentado do divino sofredor. A percepção do mundo é, então, interpelada por um véu tecido por sentimentos de mal estar e de culpa, que se objetivam por meio de um discurso de conteúdo expiatório.

Os êxtases, circunstâncias nas quais ocorre a estigmatização, são os momentos em que a fantasia se atualiza, encenando-se a partir do enredo religioso. Os estigmas funcionam como operadores das válvulas de segurança em relação à angústia, que extravasa sob a forma de sangue e gozo. A frequência semanal de sua ocorrência revigora o sujeito para o enfrentamento dos próximos dias.

Mysticism and psychoanalysis: A case of somatic stigmatization

ABSTRACT: *The study aims to establish an articulation among mysticism, body and*

psychoanalysis, from the case of the stigmatized Gemma Galgani (1878-1903). Some elements of his autobiographical accounts were highlighted and also confronted with psychoanalytic theory, according to the logic of identifications, as well as with some clinical aspects of melancholy. It was found that the image of Christ crucified was used as support for structuring an identity which inserted it, through the inscribed coat of arms (stigmata), into a new lineage of privileged ancestry. The appeal to the imaginary consistency of the body, offered by the religious myth, was used as a substitute for the impossibility of the symbolic resources in integrating the traumatic events in the constitution of a recognizable image of itself.

KEYWORDS: *Mysticism; Psychoanalysis; Stigmata; Gemma Galgani.*

REFERÊNCIAS

- BICOCCHI, G. La sponsalità in Santa Gemma. In: CIARDELLA, P. (Ed.). *Mistica, salvezza e redenzione nell'esperienza di Gemma Galgani*. Roma: Città Nuova Editrice, 2005, p. 277-295.
- BIDAUD, E. Reflexões sobre a clínica dos sangramentos provocados. In: GONZAGA, A. P.; WEINBERG, C. (Orgs.). *Psicanálise de transtornos alimentares*. São Paulo: Primavera Editorial, 2013, p. 26-37.
- DELLO SPIRITO SANTO, G. *Gemma Galgani: Un fiore di passione della città del Volto Santo*. Roma/Alba: Pia Società San Paolo, 1932.
- FABRO, C. *Gemma Galgani: Testimone del soprannaturale*. Roma: Editrice CIPI, 1989.
- FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- (1917) Luto e melancolia, v. 14.
- (1918) História de uma neurose infantil, v. 17.
- (1919) Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais, v. 17.
- (1923) O ego e o id, v. 19.
- GUIR, J. Fenômenos psicossomáticos e função paterna. In: WARTEL, R. (Org.).

Psicossomática e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 47-56.

LACAN, J. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. Conferência em Genebra sobre o sintoma. In: *Opção lacaniana: Revista brasileira internacional de psicanálise*, n. 23. São Paulo, 1998.

_____. *A identificação*. Seminário 1961-1962. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2003.

POMMIER, G. *A exceção feminina: Os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

QUINET, A. A clínica do sujeito na depressão: Freud e a melancolia. In: *A dor de existir*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997, p. 119-129.

_____. *Psicose e laço social: Esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

RUOPPOLO, G. *Santa Gemma Galgani*. Campinas: Ecclesiae, 2014.

SACRA CONGREGATIO RITUUM. Lucana. Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Gemma Galgani virginis. *Nova positio super virtutibus. Appendix: de factis extraordinariis*. Roma: Tipografia Agostiniana, 1928, p. 1-124.

SANTA GEMMA GALGANI. Autobiografia. In: *La gloria de la cruz*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002, p. 1-40.

_____. Outros escritos. In: *La gloria de la cruz*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002, p. 265-272.

_____. *Lettere*. Roma: Postulazione dei PP. Passionisti, 1941.

_____. *Estasi, Diario, Autobiografia, Scritti vari*. Roma: Postulazione dei PP. Passionisti, 1975.

_____. *Diário* (19 de julho a 3 de setembro de 1900). São Paulo: Paulus, 2017.

SPOTO, D. *Francisco de Assis: O santo relutante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VALAS, P. Horizontes da psicossomática. In: WARTEL, R. (Org.). *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 69-86.

ZOFFOLI, E. La povera Gemma: Saggi critici storico-teologici. Roma: Edizioni Il Crocifisso, 1957.

ZOVATTO, P. Santa Gemma Galgani (1878-1903) nella storia della spiritualità italiana. In: CIARDELLA, P. (Ed.). *Mística, salvezza e redenzione*

nell'esperienza di Gemma Galgani. Roma: Città Nuova Editrice, 2005, p. 107-136

Ario Borges Nunes Junior

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 2074 - ap. 8

São Paulo SP Cep: 01318-002

Telefone: (11) 98387-7447

Email: abnjaos@gmail.com